

Quem tem medo do lobo mau?

GERALDO FORBES

Repetitivo como um cuco ensandecido, o governo federal acaba de anunciar mais um pacote de medidas de controle da economia. A mesma ladainha das outras vezes, a mesma venda dos imóveis, o mesmo corte de mordomias, outra vez a lista das companhias a serem vendidas, toda essa besteirada, sem pé nem cabeça, que só serve para encher jornal. É o leitor.

De seu lado, os cucos da economia repiam a sua cantilena pseudo-científica sobre os prós e os contras e os contúdos, os talvezes e muito pelo contrário, de suas totalmente repetitivas análises meteorológicas. Um jogo de espelhos em que sempre triunfa o ridículo.

O que não é de rir é a firmeza crescente da inflação. Como bem diz o professor Bresser Pereira (e, se dão licença, há meses esta coluna), na realidade já vivemos uma respeitável hiperinflação.

Aqui, só não houve ainda a explosão dos indicadores — isto, se os presentes forem confiáveis. Na falta deles, ficam os cegos todos esperando o estrondo que denotaria uma hiperinflação, enquanto esta, mansamente, vai subvertendo preços e salários e destruindo o valor da moeda e qualquer padrão de referência.

Têm toda a razão os que dizem ser passado o tempo de teorias. A hiperinflação está aqui, apesar dos bons ofícios do sr. Maílson. É mais do que hora de enfrentá-la, embora o desajuste dos cucos.

Entretanto, a experiência recente mostra que, muito provavelmente, nada de efetivo ou eficiente será feito. Vão ser emitidas mais algumas farândolas provisórias de alcance meramente estético ou cosmético, e vai se empurrar a bomba-relógio para a frente.

Neste transe, o que surpreende quem esquece a leviandade geral da Não, é a estranha passividade das elites empresariais ante este estado de coisas.

Em sua maior parte — apesar de uma ou outra erupção retórica — parecem quase indiferentes a esta dança sobre o abismo de que podem sair gravemente feridas. Tomam algumas medidas defensivas, compram ouro, imóveis, fazem estoques, as companhias estrangeiras remetem o que podem e o que não podem, mas, de uma forma geral, assistem, entre plácidas e, quando falam com o ministro, aliviadas, à marcha da insensatez.

Ignorância? Inconseqüência? Sim, é um pouquinho disto, mas é sobretudo por escandaloso e perigoso interesse que os bancos, a indústria e o comércio seguem vivendo alegres a cantar, com a sua querida dindinha Sinhá.

Ocorre que, nestes longos anos de inflação, os agentes econômicos capitalizados aprenderam a viver e a lucrar — e lucrar fortunas — com ela. Peguem-se os balanços de qualquer banco ou indústria, nacional ou, sobretudo, multinacional, dos últimos oito anos e se verá que seus lucros são simplesmente magníficos.

ESTADO DE SÃO PAULO

20 AGO 1989

O mesmo vale para o comércio, cujas margens acintosas são sempre desculpadas pela "alta dos preços", e com esta toada faz malas e malas de dinheiro fácil.

Quem quer acabar com esta mamata? Os banqueiros, beneficiários número um da desordem, sócios da coletoria e da inflação? Os industriais, protegidos pelo muro alfandegário e confortavelmente cartelizados? Os comerciantes, livres para cobrar o que lhes dá na cabeça? É claro que não. Pau na máquina.

Como historicamente acontece em situações como esta, por mais crítica que ela possa racionalmente parecer, sua durabilidade e sua lucratividade induzem ao comportamento irracional que prevalece no momento: vamos aproveitar o máximo, enquanto podemos. E depois? Depois, a gente vê. Agora, cale a boca e passe a munição.

Há muitos pontos de semelhança desta história com a dos três porquinhos. Só que, aqui são milhares de cachacos irresponsáveis e dois ou três chatos, pouco práticos, que vivem anunciando o apocalipse. Ou a porca Alice, como preferem alguns.

O fato é que ninguém no Brasil acredita de verdade no lobo mau. Todo mundo acha que, na última hora, a ginga, a malandragem, a picardia do macunatma vai vencer. Conosco ninguém podemos. Se a tal da hiper vier, nós avacaia. Ou aporcalha.

Até gostaria de concordar. Mas não dá. Os lucro derivados da inflação correpondem necessariamente à falência do Estado e à pobreza dos assalariados. E há um limite par isso.

A frase "o país vai bem, o governo é que vai mal" é apenas um boutade tola e enganosa. Nenhum país pode progredir sem infra-estrutura. Nenhum país pode se modernizar sem ensino. Nenhuma sociedade pode viver em paz e harmonia com os nossos extremos de lucros e salários, de riqueza e de pobreza.

As empresas vão muito bem, mas o Estado vai mal, a classe média vai mal, a classe pobre vai muito mal. Donde, o País vai pessimamente. Estamos consumindo nossas últimas reservas. As caldeiras da aparente prosperidade estão a queimando as estruturas do nosso futuro.

O melhor que pode nos acontecer hoje é uma recessão bem comportada. O pior, uma hiper desatinada e, depois, a recessão profunda.

A escolha é nossa mas ninguém está disposto a parar e pensar. Todos querem que a farrá continue: "Criança feliz, feliz a cantar, alegre a embalar sonho infantil..."

Receio que as criancinhas vão virar mingau.

E chorar dentadas do lobo. Chorar muito.

Geraldo Forbes é advogado e consultor de empresas